

ENVEREDANDO SOBRE OS TRAÇOS DE UM TEXTO

COVERING ON THE TRACES OF A TEXT

Vanda Bartalini Baruffaldi¹

RESUMO

Em meados do século passado, os pesquisadores da linguagem, alteraram o foco de suas pesquisas e a frase, até então tida como elemento mínimo de comunicação, cedeu espaço para o estudo do texto, que passou a ser abordado sob diversificados pontos de vista. O presente trabalho visa abordar, de modo muito embrionário, as características que marcam uma produção textual. Como se observará, seu conceito não pode se restringir a um mero conjunto de vocábulos. Se um texto verbal de fato se estrutura em torno deles, a presença de palavras não garante que se esteja diante de uma unidade comunicativa. São necessários outros quesitos para que o texto seja, efetivamente, o elemento essencial para que se efetive a comunicação nas sociedades humanas.

Palavras-chave: comunicação humana; produção textual; texto verbal.

ABSTRACT

In the middle of the last century, language researchers have modified the focus of their studies and the phrase, as yet conceived as the shorter communication element, gave its space to texts studies that became examined under diversified points of view. This paper intends to approach – in a very embryonic way – the attributes of a verbal text production whose concept cannot be restricted as a set of words. In fact, a verbal text is structured around it, but words presence is no guarantee that we have a communication unity. For this purpose, it's necessary others components in order to have a real interaction element to human societies.

Keywords: human communication; text production; verbal text

¹ Universidade de São Paulo, Faculdades Integradas Campos Salles

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar, de modo muito embrionário, as características que marcam uma produção textual. Como se observará, seu conceito não pode se restringir a um mero conjunto de vocábulos. Se um texto verbal de fato se estrutura em torno deles, a presença de palavras não garante que se esteja diante de uma unidade comunicativa. São necessários outros quesitos para que o texto seja, efetivamente, o elemento essencial para que se efetive a comunicação nas sociedades humanas.

Preliminares: “Não li esse texto”. “Preciso escrever um texto”. “Do que trata esse texto?” “Você conhece este texto?” Conforme se nota, o uso do termo *texto* é bastante difundido o que não significa, entretanto, que, em sua natureza, ele seja um objeto pouco complexo. Como escrevem Fiorin & Savioli (2008), a palavra é bastante empregada não só na escola como fora dela. Todavia, apesar da difusão do uso, ensinam eles, *o conceito de texto não é tão simples mesmo para aquelas pessoas habituadas a empregar esse termo com frequência.*

Ao contrário, para que um texto exerça seu papel fundamental – o de ser o elo de comunicação entre os elementos de uma sociedade humana – é importante que alguns quesitos sejam preenchidos. Tratar desses quesitos, ainda que brevemente, é o propósito deste trabalho.

Traços da textualidade

I. Leia:

Há cursos on-line gratuitos que proliferam na internet.

Cursos que internet na line proliferam on há gratuitos.

É fácil perceber, quando se trata do conceito de texto, que o que se encontra em b) não pode ser definido como tal, enquanto a) seguramente pode. Essa constatação nos leva a concluir que o texto – seja verbal ou não-verbal - não pode ser definido como sendo simplesmente um conjunto de palavras. Para ser entendido como uma produção textual, esse conjunto de palavras necessita de transmitir uma significação. Para tanto, é necessário que os termos que o constituem se arranjam de forma a respeitar a gramática da língua de que se faz uso.

Antes de prosseguir, é preciso lembrar que:

1. Os textos podem ser verbais e não-verbais. Entre esses, citem-se: as fotografias, os desenhos, as esculturas e muitos outros.
2. Neste estudo, o termo “gramática” não se refere apenas ao uso normativo, isto é, aquele que está relacionado ao conceito de certo e errado, o que ocorre quando se diz, por exemplo: *Ao empregar a norma culta, não use A gente precisamos de bons políticos. Empregue: Nós precisamos de bons políticos.*

A palavra *gramática* aqui, está, portanto, sendo usada no sentido de organização dos componentes morfossintáticos – relacionados à combinação das palavras em uma frase; fonológicos – que dizem respeito aos sons - e semânticos – relativos ao sentido - de uma língua.

Pode-se dizer, assim, ser um texto uma unidade sócio-comunicativa, constituída por um conjunto de palavras que se articulam a fim de criar um sentido. É fundamental ter em mente, ainda, que

o texto possui vínculos com um determinado momento histórico e com um determinado local. Dessa forma, uma produção textual nunca é independente de uma situação vinculada a um tempo e a um espaço. Esse aspecto é importante porque, por vezes, a interpretação de um texto pode ser feita de modo errôneo ou preconceituoso se não se consideram essas coordenadas espaço-temporais. É o que ocorre com frequência com leitores jovens que entram em contato com romances ou poesias, escritos em épocas passadas; ou com os visitantes de galerias de arte contemporânea que, muitas vezes, ridicularizam o que veem por não articularem a tela com o momento em que ela foi produzida.

Situações semelhantes podem acontecer no dia a dia. Imagine a reação de uma moça de vinte e cinco anos, moradora da cidade de São Paulo, nesses começos de século XXI, que ouvisse de seus pais: - Você pode sair, mas às dez horas em casa, hein?

A recomendação, que teria sentido nos inícios do século XX, soa anacrônica e inadequada à nossa época, porque está fora de seu contexto.

Leia ainda este texto escrito em meados do século passado:

Casamento de professora

O casamento das professoras não poderá realizar-se sem autorização do Ministro da Educação Nacional que só deverá concedê-la nos termos seguintes:

1º- Ter o pretendente bom comportamento moral e civil;

2º - Ter o pretendente vencimentos ou rendimentos, documentalmente comprovados, em harmonia com os vencimentos da professora.

(Art. 9º do dec. Nº 27:279, de 24-11-936)

Temos, portanto, até aqui, duas características de um texto: ele se constitui de palavras organizadas de modo a transmitir uma significação e apresenta relações com o momento histórico e com o local em que é formulado.

II. Outras marcas de textualidade

Além dessas, alguns estudiosos elencam outros traços que cunham os textos, compondo o que se chama de *textualidade*. Esta pode ser entendida como sendo o rol de características que fazem com que um conjunto de palavras se organize em um texto. Beaugrande e Dressler, por exemplo, citados por VAL (1994: 5), sustentam que existem sete fatores próprios da textualidade.

A coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, e a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a *situacionalidade*, a *informatividade* e a *intertextualidade*, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo comunicativo.

1. A coerência e a coesão

Durante muito tempo, esses dois termos foram alvo de polêmica. Alguns estudiosos se batiam pela diferença de sentido que existe entre ambos; outros acreditavam que eles poderiam ser considerados equivalentes e outros ainda consideravam que coerência seria coesão, e o que era tido como coesão seria coerência.

Atualmente, existe um consenso na delimitação dos campos de atuação dos dois conceitos, embora uma análise um pouco mais profunda da língua indique que existe uma forte relação entre ambos: muitas vezes, problemas coesivos afetam a coerência de um texto, sendo a recíproca verdadeira, ou seja, um texto incoerente pode revelar mau uso dos elementos coesivos.

Tanto as questões relativas à coerência como aquelas relacionadas à coesão têm merecido, por parte dos especialistas, estudos detalhados. Neste espaço, entretanto, a abordagem não tem a ambição de aprofundar o assunto, limitando-se o tratamento às características tidas como essenciais aos dois conceitos.

a. A coerência

De acordo com Koch & Travaglia, a coerência *está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto* (2000: 21). Ou seja, um texto é coerente se ele fizer sentido para os usuários da língua. Assim, se se disser: *Naquela noite, em São Paulo, Letícia e eu vimos o sol nascer à meia-noite*, qualquer brasileiro saberá que o discurso não tem sentido, é incoerente, porque, no Brasil, esse fenômeno não ocorre.

Esse exemplo constitui a chamada *coerência externa*, aquela que diz respeito à articulação que deve haver entre os conhecimentos de mundo dos interlocutores e o texto formulado.

Além dessa, há a *coerência interna*, que deve permear toda a construção do discurso. Por exemplo: caso se solicite a alguém que dê sua opinião sobre a legalização do aborto, toda a argumentação exposta deve estar direcionada para sustentar a posição do falante: dados positivos, se seu ponto de vista for favorável à prática, e negativos, na hipótese contrária. Um raciocínio como: *Todo ser humano deve ter sua vida respeitada a partir do momento em que foi concebido* é incompatível com a posição de alguém que se considera favorável aos procedimentos abortivos.

Além da coerência interna e externa, os especialistas distinguem outros tipos – como a *argumentativa*, a *narrativa*, a *descritiva*... – que não serão focalizadas neste espaço por extrapolarem o propósito do trabalho.

b. A coesão

Se a coerência diz respeito à organização lógica do texto, a coesão se relaciona ao emprego dos recursos linguísticos. Ao abordar esse conceito, Koch (2001:18) expõe – entre vários outros – o pensamento de Beaugrande e Dressler que, em obra clássica de 1981, definem coesão como sendo a maneira pela qual *os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem o texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem lexical*.

Em outros termos, é à conexão entre palavras e frases que denominamos coesão. Veja a frase que se leu na publicação da revista do SESC de março de 2015:

O cinema também se encantou pelo movimento *beat*, embora a relação tenha sido complicada no começo.

A palavra *embora* está ligando duas frases: *O cinema também se encantou pelo movimento beat* (1) e *a relação tenha sido complicada no começo* (2). Já o artigo *o* está no masculino singular porque se relaciona com a palavra *cinema*, que se encontra masculino singular; *complicada* se apresenta como feminino singular, por exigência de *relação*, termo que está nesse gênero e número.

Todos esses casos citados são manifestações da coesão que indicam, portanto, a relação que existe, na superfície do texto, entre palavras, expressões e frases.

Espera-se que um texto bem formulado respeite as regras coesivas de uma língua para que os interlocutores possam se entender. Assim, empregar uma frase como *Ela gosta chocolate* causaria estranheza em um falante do português, habituado a ouvir a preposição *de* associada ao verbo *gostar*. Isto é: *Ela gosta de chocolate*

Exige-se, das pessoas escolarizadas, respeito mais rigoroso às normas coesivas da língua. Por esse motivo, uma construção como *A época das eleições está chegando* seria criticada no meio escolar por desconsiderar as regras de concordância nominal.

Da mesma forma que aconteceu com a coerência, o tratamento dado ao fenômeno da coesão foi, aqui, bastante sucinto. Conforme já se registrou, muitas páginas têm sido escritas acerca desses dois fenômenos linguísticos que merecem ser consultadas por quem tem interesse pelo assunto.

Veja se você entendeu:

EXERCÍCIOS DO GRUPO A.

1. Nos casos abaixo, ocorreu um problema de coerência (I) ou de coesão (II)?
 - a. () A Lua é um planeta que gira em torno do Sol.
 - b. () Ayrton Senna foi um grande jogador do futebol argentino.
 - c. () As ruas estão molhadas; entretanto choveu.
 - d. () O Oceano Índico, que banha o Brasil, tem as águas quentes.
 - e. () Ela dizia ser contra a pena de morte, porque acreditava que quem comete crimes não merece perdão.
2. Reescreva as frases, eliminando os problemas de coerência ou de coesão.
 - a. Acatei as opiniões do médico, porque as achava sem sentido.
 - b. Não seremos um país desenvolvido conquanto continuarmos aceitando corrupção.
 - c. O sistema prisional brasileiro é bastante eficiente.
 - d. Gilson, ontem encontrarei Alfredo com sua namorada.
 - e. Jorge é um indivíduo perigoso; entretanto fique longe dele.

2. AMPLIANDO A ANÁLISE

Passe, então, a focalizar os traços pragmáticos da textualidade. Entende-se por *pragmática* o estudo da língua em uso. Dessa forma, não interessa a esse segmento dos estudos sobre a linguagem saber se uma frase é composta por substantivos, adjetivos ou verbos; nem se ela possui sujeito simples ou composto, predicado verbal ou nominal. A pragmática se preocupa com o fato de uma frase estabelecer ou não a comunicação entre os interlocutores de um ato comunicativo. Ou, como escreve Fiorin: *A pragmática é a ciência do uso linguístico, estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística* (2002: 166).

- I. O primeiro traço a ser tratado recebe o nome *intencionalidade* que, como o nome sugere, relaciona-se à figura do enunciador e a seus objetivos na construção de um texto. Ele pode querer emocionar alguém, informar, dar uma ordem, fazer um pedido. Essas intenções têm, naturalmente, reflexos sobre a formulação de um texto.

Veja a diferença de efeitos que se obtém com a leitura dos trechos transcritos abaixo. Compare o tom brincalhão, jocoso, quase irônico, empregado por Ruy Castro, (1) no artigo “A coisa agora vai”, em que ridiculariza o projeto de uma deputada carioca que propõe moralizar os hábitos da sociedade (*Folha de São Paulo*, 23 / 1 / 2013) e o caráter simplesmente informativo da notícia de primeira página, publicada na mesma data, pelo mesmo jornal.

(1)

(...) Mas nunca é tarde para voltar ao bom caminho. Inspirado por Myrian, pretendo alterar meus satânicos hábitos de consumo artístico. Em vez de continuar assistindo a filmes de Buñuel, Fritz Lang e Bergman, prometo limitar-me à *Noviça Rebelde*. Chega de ler Bocaccio, Sade e Nelson Rodrigues; a partir de agora, só *A Moreninha* de Macedo. E vou trocar meus discos de Charlie Parker e Franz Zappa pelos de Xuxa e Roberto Carlos.

(2)

A despeito das perspectivas pessimistas da economia, 44% dos empresários brasileiros estão confiantes no crescimento da receita das companhias, informa Clóvis Rossi, de Davos.

Segundo pesquisa do fim de 2012, esse otimismo só ficará atrás dos russos (66%), indianos (64%) e mexicanos (62%) e supera executivos das duas maiores economias, China e EUA.

Veja se você entendeu...

EXERCÍCIOS DO GRUPO B.

1. Identifique que intenção teve – predominantemente - o produtor dos trechos abaixo.

- (a) Emocionar
- (b) Argumentar

(c) Divulgar

(d) Informar

(e) Informar-se

() Preparados sem conservantes ou aromatizantes, os sorvetes têm 150 variações.

() Onde posso encontrar uma farmácia por aqui?

() No xxxx , você vai saborear os melhores cortes da carne argentina.

() *Alma minha gentil que te partiste / tão cedo desta vida descontente / repousa lá no céu eternamente / e viva eu cá na terra sempre triste* (Luís Vaz de Camões)

() Há casos em que a compaixão é autodestrutiva, porque a virtude pode se converter em fanatismo e intolerância.

2. Suponha que você queira repreender a desobediência de uma criança ante uma fala dos pais e, para tanto, resolveu fazer uso de uma história clássica infantil. Qual delas seria mais compatível com sua intenção? Por quê?

a. *Branca de Neve e os sete anões*

b. *Os três porquinhos*

c. *Simbad, o marujo.*

d. *A gata borralheira*

e. *Chapeuzinho vermelho*

- II. Se a intencionalidade diz respeito ao enunciador, a *aceitabilidade* relaciona-se ao enunciatário, ou seja, àquele a quem a *mensagem* é dirigida, e vincula-se às expectativas que ele possui acerca do texto que recebe. Veja: as experiências de um usuário da língua portuguesa, mesmo dos menos escolarizados, não permitiriam que ele aceitasse uma construção como **compulsório internamento o*. Do mesmo modo, mesmo os falantes mais informais não veriam com naturalidade palavras chulas pronunciadas em público por um governador de Estado.

Portanto, para ser aceito, um texto tem de estar em conformidade com as expectativas de seu receptor. É importante, todavia, ficar atento à questão da aceitabilidade ou não de um texto. Por vezes, aquele que, à primeira vista, pode parecer inaceitável por ser incompreensível, é, na verdade, fruto da originalidade de um autor.

É o que ocorre com esse já clássico diálogo entre “patroa e empregada”, imaginado por Millôr Fernandes.

- Maria, ponha isso lá fora, em alguma parte.

- Junto com as outras?

- Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer qualquer coisa com elas. Ponha no lugar de outro dia.
- Sim, senhora. Olha, o homem está aí.
- Aquele de quando choveu?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que você disse a ele?
- Eu disse para ele continuar.
- Ele já começou?
- Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
- Você trouxe tudo para cima? O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
- Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada, e ele reclama como na outra noite.
- Está bem. Vou ver como.

(FERNANDES, Millôr. *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Abril Cultural. 1973).

Facilmente se observa que o texto reproduz um diálogo, ao qual faltam dados que tornem claras as idéias expostas. Por exemplo:

- sobre o que falam as mulheres? Não se consegue determinar.
- Por que se chega a essa conclusão? Porque muitas das palavras empregadas possuem sentido excessivamente vago, não possuem especificação.

Acerca dessa ,falta de especificidade, outros exemplos poderiam ser citados:

- A que “qualquer parte” a locutora 1 se refere?
- A que substantivo o pronome *outras* – em: *junto com as outras* - se reporta?
- Onde fica o *lá*, citado pela segunda locutora (*...o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo*)?

Não por outra razão o texto foi intitulado “A vaguidão específica” e tem, como epígrafe, o seguinte pensamento de Richard Gehman: *As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica*.

Assim, à primeira vista, a criação de Millôr Fernandes pode parecer totalmente sem sentido, mas ela ganha significação quando se pensa que o autor procurou, com ela, reproduzir, em tom de brincadeira, a conversa que se verifica entre mulheres.

Outro texto que também causa estranheza quando lido pela primeira vez é o publicitário criado para os sapatos *Claudina* (citado por Nelly de Carvalho em *Publicidade: a linguagem da sedução*, 1996: p.91)

Anda devagar, Chapeuzinho, para o Lobo poder te pegar.

Uma segunda leitura, entretanto, apontará para a preocupação do emissor em alterar o teor original do texto, que aconselharia o contrário: Chapeuzinho deveria correr para que o Lobo não conseguisse pegá-la.

Assim, ainda que, em princípio, todo texto deva ter a inteligibilidade como objetivo primordial, por vezes, quem o produziu deseja, na verdade, criar impacto, levando seu interlocutor a ter de refletir sobre o lê ou o que ouve. É a tentativa de desautomatizar a linguagem, buscando novas formas de expressão. Esses objetivos são frequentemente perseguidos, dentro da linguagem verbal, tanto pela literatura como pela publicidade e pelas anedotas, como a que segue, relatada por Possenti em *Os humores da língua*. (2002: p.81):

Maria: *O menino precisa de uma enciclopédia para ir à escola.*

Manuel: *Que nada! Ele que vá a pé como eu sempre fui.*

É importante não esquecer que, como diz Charolles (1978), em geral, o recebedor dá um crédito de confiança ao produtor do texto, confiando que este tenha se empenhado em apresentar um comunicado claro. Por isso, esforça-se para compreender o que lê ou escuta, fazendo deduções, cobrindo lacunas. Todavia, essa colaboração do interlocutor não deve ser motivo para descuidos da parte de quem é responsável pela produção textual já que a comunicação é fruto de um contrato de colaboração.

Veja se você entendeu...

EXERCÍCIOS DO GRUPO C

- I. Leia o pequeno trecho abaixo, extraído de uma redação de vestibulando (apud VAL, p.71). O título a ser desenvolvido era *Violência social*.

A violência social é gerada pelo próprio sistema. Ela existe a um longo tempo e acentuou-se nos últimos tempos devido ao crescimento desordenado das grandes cidades.

O êxodo rural vem aumentando cada vez mais e formando um crescimento desordenado das áreas urbanas. Estas pessoas não encontrando meios de sobrevivência adequado, passam a viver em favelas.

1. Diga:
 - a. Qual foi a intenção do produtor do texto?
 - b. Sendo dirigido ao examinador de um vestibular, a aceitabilidade estaria certamente garantida? Por quê?
2. Veja agora a manchete de um jornal:

Sete corpos achados na Bahia da Guanabara pode ser de “desova”.

 - a. Em que sentido o texto teria sua aceitabilidade comprometida para um leitor da norma culta?
 - b. Que expectativa se forma diante do modo de se expressar de um jornalista?
3. Aponte as afirmativas que seriam rejeitadas por um leitor de norma culta.
 - a. Pão de Açúcar e Casas Bahia estão longe de acordo.
 - b. Obras do PAC tem apresentado problemas.
 - c. Estados não atinge meta de vacinação.
 - d. Papa pede paz ao Oriente Médio.
 - e. Será que teremos novos estados no Brasil?
 - f. Armas nucleares é proibida pelo Islã, afirma o Aiatolá.
 - g. Estado propõe internação compulsória para viciados em crack.
 - h. UE decidirão sobre ajuda à Grécia.
 - i. EUA são responsáveis pelo golpe de Estado em Honduras, diz Morales.
4. O que o profissional responsável pela revisão de texto deveria ter feito para que, no trecho abaixo, não houvesse ruído para a aceitabilidade de um leitor habituado ao uso da norma culta?

Pode ser que a internação compulsória (de viciados em *crack*) não seja a solução ideal, mas é um caminho que temos que percorrer. Se houver exagero, é uma questão de corrigir. Vão haver erros, vão haver acertos. Temos que aprender nesse caminho porque ninguém tem a receita.

- II. Como um terceiro fator pragmático de textualidade, podemos citar a adequação – ou não – do texto ao contexto em que ele foi formulado. É a chamada *situacionalidade* – ou adequação sociocomunicativa - relacionada não apenas ao conteúdo veiculado pelo texto como à linguagem empregada para a transmissão desse conteúdo e ao respeito pelo repertório do interlocutor.

Tratar da situação econômica do País ou do comportamento dos políticos brasileiros com uma criança são exemplos típicos de inadequação, de desrespeito ao momento da produção do texto. Desenvolver um raciocínio complexo sobre química quântica para um público interessado em ciências humanas revela igualmente um desajuste. O mesmo problema ocorre quando se empregam termos populares em um discurso formal ou excesso de formalidade quando a situação exige descontração.

Logo, ajustar um discurso ao momento em que ele é produzido é condição indispensável para que ele não crie entraves à interlocução. É o momento sociocomunicativo que define o sentido do

texto. Por essa razão, muitas vezes, uma produção que apresente várias lacunas – de coesão, de natureza gramatical, que seja pouco claro e objetivo, por exemplo - pode ser mais bem aceito pelo interlocutor que um outro que tenha respeitado todas as regras de formulação textual, mas que não faça sentido a quem o recebe.

Veja se você entendeu...

EXERCÍCIOS DO GRUPO D

1. Por que o texto abaixo não poderia figurar como uma placa de trânsito?

Cuidado! Não estacione aqui porque no local se verifica entrada e saída de caminhões e seu carro pode ser multado!

2. Quais alterações você faria no texto para que ele pudesse ser empregado como orientação aos motoristas de uma cidade?
3. Suponha que uma empresa queira vender óleo para uso culinário e estampe, em jornais e revistas, uma imagem em que apareça o litro de óleo, mas sem nome. Você acredita que o texto está adequado ao seu objetivo? Por quê?

Entretanto, assim como há casos em que se verifica desrespeito ao repertório à situação em que se insere um enunciado, há outros em que o locutor trabalha adequadamente com conhecimentos prévios de seu parceiro. Nesse caso, informações podem ser suprimidas, que não causarão transtornos à comunicação.

Suponha, por exemplo, um professor que, ao ver um aluno chegar, às 10h da manhã, a uma aula que tivesse começado às 7h30, comentasse:

Ah! Bom dia, Fulano! Você chegou para o almoço?

A questão, embora aparentemente sem sentido, ganharia significado uma vez que compatível com a situação sociocomunicativa.

Assim, como se percebe, é fundamental a preocupação de ajustar a expressão ao momento da interação, lembrando que nem sempre a variante formal da linguagem é a mais apropriada para uma situação.

É o caso do clássico exemplo do comercial produzido para a Caixa Econômica Federal em que se lia / ouvia:

Vem pra Caixa você também. Vem.

Como se sabe, pelos padrões da gramática culta do português, o pronome *você* levaria o verbo para a forma: *Venha*. *Vem* é compatível com o pronome *tu*. Além desse caso, o uso sincopado *pra* é índice de oralidade, que não caberia, em princípio, em um texto escrito. Pense, entretanto, no distanciamento que uma frase como *Venha para a Caixa você também*. *Venha!* poderia gerar entre o produtor e receptor do texto, distanciamento capaz de gerar prejuízos financeiros para a empresa

que faz a divulgação do produto. Nesse caso, portanto, o desrespeito à norma formal trouxe mais ganhos comunicativos que a obediência aos cânones gramaticais.

Obteve-se, nesses exemplos, a chamada *coerência pragmática*, que permite reconhecer, no texto, um uso da linguagem compatível com a circunstância em que ele foi produzido.

É o que ocorre também com o nome *Juntaê*, a marca de um movimento criado para incentivar o espírito de colaboração entre crianças. Certamente, a expressão *Juntem-se aí*, mais compatível com a orientação da gramática formal, não atingiria o mesmo sucesso na interação com o público a que a mensagem se destina.

- III. Voltemos aos já citados Beaugrande e Dressler, citados por Maria da Graça Val, em *Redação e Textualidade*, e responsáveis pela discriminação dos traços característicos da textualidade. Segundo esses autores, a *informatividade* também responde pelas marcas de um texto. Podemos dizer que essa característica relaciona-se ao modo como se distribuem as informações na superfície do texto

Vejam os: sustentam os especialistas dos estudos da linguagem que, em uma produção textual, alternam-se dados novos com dados velhos. Parte-se destes, dos dados velhos, de um saber partilhado entre destinadores e destinatários para iniciar a formulação de textos e chegar às informações novas.

Suponha um publicitário que fará a divulgação de um novo produto. Uma nova linha de máquina de lavar roupas, por exemplo. Seguramente, antes de expor a nova proposta a seu público, ele estabelecerá relações entre o que o consumidor já conhece e o que irá ser mostrado a seguir. Esse é o dado velho, o saber partilhado, o que já é familiar aos dois interlocutores, mas que cria, na audiência, expectativas para entrar em contato com a novidade.

Imagine agora que a apresentação do publicitário se limite a mostrar os aspectos comuns entre o que já existe e o novo. Seguramente a plateia perderá o interesse pela sua fala. É a reação que se tem quando um produto é divulgado por mala direta: na primeira vez que ela é recebida, lê-se a publicidade com atenção; na segunda vez, o interesse cai; se chega a uma terceira vez, certamente a correspondência será jogada no lixo antes de ser aberta. De modo semelhante se comportaria o público, se o discurso do publicitário acerca de máquinas de lavar se restringisse a tratar do que o consumidor já domina, do que não lhe constitui novidade nenhuma.

Assim, um texto não pode se limitar a trabalhar com dados velhos. É preciso que sejam introduzidas informações novas, para que seja despertado interesse no receptor. Mas, o grau de aceitação varia de usuário para usuário. Pense em uma pessoa com escolaridade superior que começasse a ler um livro destinado à primeira série do ensino básico. Os dados novos que ela poderia encontrar apresentarão um índice muito baixo, o que não ocorrerá com uma criança de seis / sete anos à qual ele se destina.

Considere-se, todavia, a situação oposta: apresente-se a uma criança de seis / sete anos, um artigo sobre política nacional. O desinteresse será evidente não apenas pela temática do texto como pelo grau de dificuldade que essa criança teria para entender a mensagem cujo índice de informatividade seria excessivo para ela.

Veja se você entendeu...

QUESTÕES DO GRUPO E.

1. Pense em um estudante universitário, da área das ciências exatas, de inteligência comum, que entrasse em contato com o material abaixo discriminado. Que grau de informatividade ele encontraria nestes textos?

baixo (1), médio (2) ou alto (3)

- a. () Comentários sobre a última partida – a que ele assistiu - de seu time de futebol.
- b. () Um livro sobre as teorias de Einstein.
- c. () A resenha de um filme, publicada em jornal de grande circulação.
- d. () Uma peça destinada ao público juvenil.
- e. () Um artigo sobre o desempenho da economia brasileira divulgado pela internet.
- f. () Um estudo sobre a situação dos oceanos no século XXI.

2. Leia o texto a seguir.

“Nas redes sociais é possível expressar seu ódio, dar a ele uma dimensão pública, receber aplausos de seus amigos e seguidores e se sentir, de alguma forma, validado.”

[...] Essa é a avaliação que o psicanalista Contardo Caligaris, doutor em Psicologia Clínica e autor de diversos livros, faz sobre a disseminação dos discursos de ódio nas redes sociais, que, para ele, deveria ser perseguida. “Deveríamos ter limites claros ao que é o campo da liberdade de expressão, que é intocável, e o momento em que ela se torna uma ameaça.”

Adaptação. Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil>. Acesso em 01/04/2018.

- a. Que informações você obteve a partir da leitura desse texto?
- b. Você as considera de baixa, média ou alta informatividade. Por quê?

As palavras de Antônio Cândido, registradas abaixo, expressam com clareza o que, na prática, vem a ser a informatividade.

O efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau de nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu ou pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser uma fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e, portanto, aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independentemente da valia de ambos.

CÂNDIDO, Antônio. *Dez livros para entender o Brasil*. Teoria e debate. Ed. 45, 1.7.2000

- IV. Outro fator que caracteriza um texto é a *Intertextualidade*. Como o próprio nome sugere, esse traço relaciona-se à remissão que um texto faz a outro. Veja, por exemplo, o que escreveu Hélio Schwartzman.

Eu concordo com quase tudo o que o Dráuzio Varella diz. Quase. A defesa apaixonada que ele faz da internação involuntária para dependentes de droga talvez se justifique como o discurso de um pai desesperado ou de um médico aflito por não ter como ajudar um paciente, mas deixa de levar em conta alguns elementos importantes. (FSP, 30 / 1 / 13)

Observe que o autor faz menciona um texto escrito por Dráuzio Varella: *Eu concordo com quase tudo o que Dráuzio Varella diz* – fazendo mesmo uma breve síntese do pensamento do médico. É a esse tipo de referência que chamamos *intertextualidade*.

A *intertextualidade* evidencia que os textos são heterogêneos. Já Bakhtin, um filósofo russo preocupado com questões relacionadas à linguagem, sustentava que ela é dialógica, isto é, estabelece relações não apenas entre os homens como também entre seus textos. Dessa forma, as produções comunicativas não são autossuficientes, elas sempre remetem umas às outras, não podendo ser consideradas frutos de um único autor. Essas relações fazem com que a heterogeneidade seja um traço imanente à produção textual.

Quando estudam a interdependência dos textos, os pesquisadores atuais distinguem os conceitos de *intertextualidade* e *interdiscursividade*.

Chamam de intertextualidade a presença de um determinado texto em outro. Nesse tipo de relação, um cita sempre cita outro.

Veja o caso da carta escrita pelo diretor de comunicação da Associação Brasileira das Empresas Aéreas em resposta a uma reportagem publicada pela *Folha de São Paulo*.

Os números apresentados na reportagem “Brasil tem 801 incidentes aéreos em três anos, o dobro dos EUA” não condizem com a realidade, pois existe uma diferença nos levantamentos realizados e o que se insere em estatísticas... (21 / 2 / 2013)

Observe que, para compor seu texto, o missivista fez referência àquele produzido por outra pessoa. Por isso, se lê: *Os números apresentados na reportagem ...*

Veja também este outro caso estampado nas páginas da revista *Veja* (edição 2 593. ano 51, nº31, p.14). Ele focaliza os transtornos enfrentados por Sean Goldman que, alguns anos atrás, teve sua custódia disputada pelo pai americano e a avó brasileira. A polêmica teve projeção, pois envolveu os altos escalões da diplomacia brasileira e norte-americana.

[...] A matéria mostra as cicatrizes deixadas em Sean, hoje com 18 anos, pela guerra em que foi envolvido. “Fui vítima de muitas mentiras”, diz ele [...]

O desabafo do rapaz é uma voz paralela à daquele que construiu o texto, ou seja, o jornalista de *Veja*. É outro exemplo de intertextualidade.

Já por *interdiscursividade* se entende a relação ideológica – de ratificação ou de retificação – que se estabelece entre dois textos.

Leia, como ilustração, esse trecho de Mateus 15:7-9, publicado pela revista *Veja* (edição 2 309, ano 46, v.8, p.75). Note que ele faz referência à hipocrisia como conduta humana:

Hipócritas. Isaías estava certo sobre vocês. “Essa gente me honra com palavras, mas seu coração está longe de mim. É vã sua adoração e não por mim...”

Compare-o agora com este outro, impresso na mesma edição, na página 77, e não será difícil relacionar o conteúdo dos dois textos.

Mesmo em nossos dias, muitos estão prontos a rasgar as vestes diante de escândalos e injustiças – mas poucos parecem dispostos a agir em seu próprio coração, em sua própria consciência e em suas próprias intenções.

Assim, sem que um texto remeta explicitamente a outro, a leitura do segundo nos conduz quase que obrigatoriamente ao primeiro, já que ambos falam da discrepância existente entre o ser e o parecer.

Veja se você entendeu...

Questões do Grupo F

1. Leia os dois textos seguintes, publicados pela mesma revista. O primeiro tem o Hospital Einstein como enunciador, e o segundo foi construído para a divulgação de um filme.
 - a. Crianças com dificuldade de socialização, linguagem rebuscada para a idade e interesse intenso e limitado apenas por um ou poucos assuntos, podem ser portadoras da síndrome de Asperger, transtorno do desenvolvimento que afeta principalmente indivíduos do sexo masculino.
 - b. O paulistano Ariel Goldenberg brilha no filme *Colegas*, comédia sobre portadores de síndrome de Down, e faz sucesso na internet.
 - a. Por que se pode afirmar que a leitura do segundo texto remete à do primeiro?
 - b. Em que aspectos eles se distanciam?
 - c. Escreva em algumas palavras por qual razão se tem aí um caso de interdiscursividade.
2. Veja os trechos seguintes, extraídos do *Guia do Estudante* (2018: 131):
 - a. *Coesão e coerência*. Coesão é a articulação das palavras e frases que formam um texto, enquanto coerência é a articulação das ideias do texto, de modo a promover a continuidade do sentido.
 - b. Linguagem coloquial. Usada no dia a dia, caracteriza-se pelo uso de gírias e expressões idiomáticas (sequência de palavras que não fazem sentido quando entendidas em seu sentido literal) e marcas de oralidade (usos da língua, comuns em conversas cotidianas, como a abreviação de verbos)
 - c. Língua culta padrão. Usada em ocasiões formais e em textos escritos, caracteriza-se pela correção gramatical.
 - a. Que temática é comum a esses três trechos?
 - b. Ocorre entre eles um caso de intertextualidade ou de interdiscursividade?

3. RESPOSTA DOS EXERCÍCIOS

Grupo A:

1.

- a. I
- b. I
- c. II
- d. I
- e. I

2.

- a. mas, entretanto - coesão
- b. se, caso - coesão
- c. ineficiente - coerência
- d. encontrei - coesão
- e. por isso - coesão

Grupo B.

1.

- a. d
- b. e
- c. c
- d. a
- e. b

2. A resposta correta é a letra e, porque a história da *Chapeuzinho Vermelho* ilustra as consequências enfrentadas pela menina devido ao fato de ter desobedecido às ordens da mãe.

Grupo C.

1.

- a. O texto deveria tratar da violência social.
- b. Não, pois ocorrem descuidos em relação:
 - à grafia (*próprio* em vez de *próprio*; *a* em lugar de *há*)
 - à concordância: *meios de sobrevivência adequado* em vez de *meios de sobrevivência adequados*,
 - à repetição de ideias:
 - *devido ao crescimento desordenado das grandes cidades//o êxodo rural vem aumentando cada vez mais e formando um crescimento desordenado das áreas urbanas.*
 - às relações lógicas: *Essas pessoas, não encontrando meios de sobrevivência adequado, passam a viver em favelas.* (A observação deveria ter sido relacionada com a violência urbana, tema da redação).

2.
 - a. Há falha na concordância verbal: Sete corpos PODE ser de desova.
 - b. A expectativa é que seja respeitada a norma culta.
3. b. têm e. atinge f. é proibida h. UE decidiu, pois o sujeito é União Europeia e está no singular) i. EUA são responsáveis. (Sem a presença do artigo – Os EUA – o verbo deve ser levado para o singular)
4. ...vão *haver usos*, uma vez que o verbo *haver*, no sentido de “existir”, é unipessoal, não admite flexão.

Grupo D.

1. A mensagem é muito prolixa para seu objetivo.
2. Cuidado! Entrada e saída de caminhões.
3. Não, pois não há identificação do produto.

Grupo E.

1.
 - a. 1
 - b. 3
 - c. 2
 - d. 1
 - e. 2
 - f. 3
2.
 - a. As redes sociais estão disseminando discursos de ódio.
 - b. Resposta pessoal.

Grupo F:

1.
 - a. Ambos tratam de indivíduos portadores de deficiência física.
 - b. O primeiro trabalha com dados fundamentados em estudos científicos; o segundo comenta a atuação de um artista transtornos físicos.
2.
 - a. Ambos abordam questões relacionadas ao uso da língua.
 - b. Ocorre interdiscursividade.

4. CONCLUSÕES

Desde meados do século passado, o texto passou a ser considerado uma unidade sociocomunicativa por excelência e a estar no centro dos estudos linguísticos. Esse fato desencadeou uma série de estudos voltados à sua análise com o intuito de encontrar as características que o diferenciam de um simples aglomerado de palavras.

Este trabalho procurou focalizar, ainda que rapidamente, algumas dessas características, na tentativa de mostrar que, embora constantemente presente em nosso cotidiano, ele possui exigências complexas a que os usuários da língua se submetem, entretanto, com relativa facilidade diante da imprescindível necessidade de comunicação.

Muito poderia – e tem sido aprofundado acerca do assunto. Além dos trabalhos escritos em língua estrangeira, muitos pesquisadores brasileiros têm desenvolvido estudos sobre a organização textual: José Luiz Fiorin, Ingedore Koch, Leonor Lopes Fávero, Luiz Carlos Travaglia são apenas alguns dos nomes que podem e devem ser consultados se se pretende aprofundar a análise que se iniciou nestas páginas.

O presente estudo, todavia, terá atingido seu objetivo se conseguiu despertar o interesse pelo texto, um objeto tão banalizado quanto imprescindível às sociedades humanas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática. 1996.

CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. *Langue française*. Paris: Larousse, 38: 7-41, mai de 1978.

FIORIN, José Luiz e Francisco Platão SAVIOLI. *Lições de texto*. São Paulo: Ática. 2008.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, J.L. (org). *Introdução à linguística*. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto. 2002, pp.165-185.

GUIA DO ESTUDANTE. Vestibular. Enem 2018. São Paulo: Abril. 2017.

KOCH e TRAVAGLIA. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez. 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto. 2001.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado das Letras. 2002.

SAYEG, João Hilton. *O texto: movimento de leitura, táticas de produção, critérios de avaliação*. São Paulo: Selinunte. 1990.

VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.



INFORMAÇÕES DO AUTOR

Vanda Bartalini Baruffaldi é doutora em Linguística e Semiótica pela Universidade de São Paulo. Docente das Faculdades Integradas Campos Salles

